

DA DIALÉTICA NA ÉTICA DE JANKÉLÉVITCH

Marcos Antonio Almeida Santos *
Vera Lúcia Corrêa Feitosa**
Verônica de Lourdes Sierpe Jeraldo***
Francisco Prado Reis***

Este texto teve raízes no *Curso de Filosofia Moral* de Vladimir Jankélévitch (1903-1985), proferido em 1962 na Universidade Livre de Bruxelas e publicado postumamente, graças à transcrição de uma aluna. Na esteira dos grandes “moralistas”, ou seja, dos pensadores no campo da ética, como se tomasse corajosamente o bastão olímpico outrora nas mãos de Platão, Aristóteles, Cícero, Sêneca, Plotino, Agostinho, Pascal, Leibniz, Schopenhauer, Bergson etc., Jankélévitch elaborou, dissecou, cotejou, sintetizou, enfim, submeteu ao afiado “bisturi” da dialética, a contribuição forjada em dois mil e quinhentos anos de estudos sobre filosofia moral.

O termo “dialética” não é unívoco, podendo significar: 1. Método de divisão progressiva, geralmente binário, redutor da ideia até um princípio geral; 2. Argumentação silogística a fim de alcançar o provável ou verossímil; 3. Lógica propriamente dita. 4. Síntese dos opostos (ABBAGNANO, 2007, p. 315-322). Embora acreditemos que, na exposição de seu pensamento, Jankélévitch eventualmente recorreu aos conceitos de dialética (com exceção do item 3), utilizamos a palavra “bisturi” para destacar a dialética no sentido do item 1 que, a nosso ver, lhe serviu de base para a maior parte os cotejos.

A tarefa de Jankélévitch foi hercúlea exigiu esforço “olímpico” do autor, como também dos que participaram do curso e de nossa leitura. Desde logo, o padrão literário empregado pelo autor, é passível de criar dificuldades para o entendimento do leitor com menor formação filosófica, literária e linguística.

Ao longo do *Curso*, aqui e ali, abundam ilações que tomam como ponto de partida jogos de linguagem, mormente os que provêm do léxico latino, assim como desenvolvimentos argumentativos que se originam numa reflexão acerca de personagens de romance de autores tidos como “clássicos” (Sófocles, Aristófanes, Tolstoi etc.). Sem embargo, em geral, o material, de tão didático, permitiu um

entendimento rápido e sem obstáculos. Alguns excertos, de tão diretos e claros, se apresentados isoladamente, dariam até a impressão de tratar-se de livro de autoajuda:

Quem quer a felicidade alheia a quer no porvir mais próximo possível, na mesma hora até. Quem diz querer a felicidade alheia num porvir distante, com um prazo inútil, na realidade não deseja de modo algum essa felicidade do outro (JANKÉLÉVITCH, 2008, p. 158).

Outro exemplo: “amar a todo o mundo é, na verdade, não amar ninguém”(ibid., p. 79). Ou ainda: “o tempo constitui uma experiência enriquecedora” (ibid., p. 86). Não obstante tais aparências, longe de aderir às soluções fáceis, Jankélévitch em verdade se lançou na difícil missão de produzir um novo e paradigmático pensamento ético após a impressionante obra moral de Kant e dos que lhe deram seguimento. Tarefa a princípio ingrata, essa, principalmente se considerarmos que o “desencanto” e relativismo hodiernos, inerentes à pós-modernidade, arriscam sufocar todo e qualquer laivo de especulação metafísica, epistemológica, estética e, por que não dizer, ética.

Creemos a esta altura ser oportuno nos referirmos às subdivisões da filosofia, que permitem um melhor entendimento didático no que concerne a seu vasto escopo. Como bem destaca Durant (2000, p. 27), a filosofia se subdivide em cinco principais ramos: lógica (busca alcançar a verdade através de técnicas de indução e dedução); política (estuda a melhor forma de governo); epistemologia (aborda a teoria do conhecimento), estética (estudo do belo, da arte e do gosto); metafísica (perscruta aquilo que ultrapassa a matéria e a experiência sensível, tal como a alma humana, Deus ou a realidade cósmica) e, finalmente, ética (preocupa-se com a moral, a conduta ideal, a diferenciação entre o bem e o mal).

Aqui, procuraremos estabelecer uma conceituação do que se entende por ética, e do que se entende por moral. Apesar de algumas divergências – há autores que consideram ética e moral como sinônimos (ABBAGNANO, 2007) –, costuma-se entender por “filosofia moral” ou “ética” o estudo de problemas teórico-morais, caracterizados, portanto, por sua generalidade, enquanto que “moral” concerne aos problemas morais da vida cotidiana, apresentados pelas situações concretas (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003, p. 18-19). Dito de outra maneira, “a ética é a teoria do comportamento moral dos homens em sociedade” (ibid., p. 23), ou ainda a “teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de

comportamento dos homens, o da moral, considerado porém na sua totalidade, diversidade e variedade” (ibid., p. 21).

A despeito dessas definições, nem sempre é possível impor limites, isto é, estabelecer a fronteira onde terminaria a moral e começaria a ética, ou vice-versa:

Os problemas teóricos e os problemas práticos, no terreno moral, se diferenciam, portanto, mas não estão separados por uma barreira intransponível. As soluções que se dão aos primeiros não deixam de influir na colocação e na solução dos segundos, isto é, na própria prática moral; por sua vez, os problemas propostos pela moral prática, vivida, assim como as suas soluções, constituem a matéria de reflexão, o fato ao qual a teoria ética deve retornar constantemente para que não seja uma especulação estéril, mas sim a teoria de um modo efetivo, real, de comportamento do homem (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2003, p. 19).

Foi com o intuito de ampliar essas fronteiras que, na primeira parte do *Curso*, Jankélévitch estabeleceu uma extensa série de diferenciações entre ética, estética e religião, além da psicobiologia. Antes, porém, explicitaremos alguns conceitos elaborados por Johannes Hesse (1889-1971), sobre o assunto, por serem mais concisos e servirem de preâmbulo. Para o filósofo alemão contemporâneo, a diferença entre filosofia e ciência reside no fato de que, embora ambas sejam investigativas e trabalhem com enigmas da vida, no entanto diferem quanto ao objeto: a filosofia estuda a totalidade e a ciência estuda a particularidade. No que concerne ao escopo da filosofia face à teologia (ou religião), apesar de ambas serem investigativas e trabalharem com questões metafísicas, elas porém diferem quanto à fundamentação teórica: a filosofia se fundamenta nas potencialidades do conhecimento racional e a teologia acrescenta a isso a religiosidade, ou seja, fé religiosa. A diferença entre filosofia e arte resultaria da observação de que, apesar de ambas trabalharem com uma “visão de mundo”, a filosofia faz brotar essa visão de mundo a partir do intelecto enquanto a arte o faz através da intuição. Jankélévitch, porém, estendeu essas diferenciações numa rede mais complexa. Na Tabela 1, exaustivamente exemplificada, vemos o cotejo da ética com estética.

A despeito de tantas fronteiras entre o terreno do belo e o aprisco do bem, Jankélévitch (2008, p. 14) admitiu que, através da literatura de alta qualidade, “existe uma ponte entre a vida estética e a vida moral: alguns autores quiseram, com sua arte, alcançar a própria vida”.

1. Abbagnano N. Dicionário de filosofia. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
2. Jankélévitch V. Curso de filosofia moral. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
3. Sánchez Vázquez A. Ética. 24 ed. Tradução de João Dell'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Ética	Estética
O bem nem sempre é o belo	O belo nem sempre é o bem
Existe uma moral sem arte	Existe uma arte sem moral
O bem é uma beleza invisível	O belo é uma beleza visível, dos sentidos
O que importa é a intenção e boa vontade	O que importa é a realização do criador
A obra moral não tem existência em si	A obra estética é concreta, palpável
Todo o mundo é capaz de boa vontade	Gênio e talento são concedidos a poucos
Caráter democrático e ecumênico	Caráter aristocrático e privilegiado
A vida moral deve ser idealmente contínua, ininterrupta e irrestrita	O ato estético é temporário, intermitente e circunscrito ao mundo da arte
Deve ocupar toda a existência	Ocupa um dado momento da existência
Não há distinção entre sujeito e agente, criador e criatura se confundem e se mesclam	Prescinde do engajamento do sujeito, que não precisa ser criador
O envolvimento é global	A perspectiva é a do observador distante
O mundo moral é amorfo, sem limites, com o sujeito inserido: não pode ser julgado de fora	O domínio estético é circunscrito, limitado pela forma e estilo: é julgado de fora
O prazer não é ideal moral	A finalidade da arte é agradar
A vida moral exige uma conversão, uma mutação total e súbita	A obra de arte se forma por etapas progressivas
O ideal moral é dolorista e não é objeto de aprendizado	O ideal estético é hedonista e capaz de progresso
No domínio moral, o imperativo é absoluto	No domínio estético, reinam mandamentos hipotéticos, através do "se"
As qualidades morais são exigidas de todos	As qualidades estéticas são condicionais

Tabela 1. Diferenças entre Ética e Estética. Adaptado de Jankélévitch, 2008.

TABELAS

Ética	Estética
O bem nem sempre é o belo	O belo nem sempre é o bem
Existe uma moral sem arte	Existe uma arte sem moral
O bem é uma beleza invisível	O belo é uma beleza visível, dos sentidos
O que importa é a intenção e boa vontade	O que importa é a realização do criador
A obra moral não tem existência em si	A obra estética é concreta, palpável
Todo o mundo é capaz de boa vontade	Gênio e talento são concedidos a poucos
Caráter democrático e ecumênico	Caráter aristocrático e privilegiado
A vida moral deve ser idealmente contínua, ininterrupta e irrestrita	O ato estético é temporário, intermitente e circunscrito ao mundo da arte
Deve ocupar toda a existência	Ocupa um dado momento da existência
Não há distinção entre sujeito e agente, criador e criatura se confundem e se mesclam	Prescinde do engajamento do sujeito, que não precisa ser criador
O envolvimento é global	A perspectiva é a do observador distante
O mundo moral é amorfo, sem limites, com o sujeito inserido: não pode ser julgado de fora	O domínio estético é circunscrito, limitado pela forma e estilo: é julgado de fora
O prazer não é ideal moral	A finalidade da arte é agradar
A vida moral exige uma conversão, uma mutação total e súbita	A obra de arte se forma por etapas progressivas
O ideal moral é dolorista e não é objeto de aprendizado	O ideal estético é hedonista e capaz de progresso
No domínio moral, o imperativo é absoluto	No domínio estético, reinam mandamentos hipotéticos, através do “se”
As qualidades morais são exigidas de todos	As qualidades estéticas são condicionais

Tabela 1. Diferenças entre Ética e Estética. Adaptado de Jankélévitch, 2008.

Vida Moral	Vida Religiosa
Há uma concepção estetizante da vida moral (atos de bravura, gestos de remorso etc.)	Há uma concepção estetizante da vida religiosa (o mártir, os ritos etc.)
A atitude moral privilegia intenção a gestos	A atitude religiosa se diferencia pelo rito e pela liturgia.
É comum a todos os seres humanos	Existe uma diversidade de religiões
Pode haver só a moral na religião (Confucionismo, cristianismo não dogmático)	Pode haver religião sem moral (Grécia antiga)
O Dever domina os deveres (impostos pela vida e funções sociais)	Os deveres (assistir à missa, cumprir regras) sobressaem-se sobre o Dever.
A obrigação é dada de início, é essencial e ocupa o primeiro plano	A obrigação é dada depois, decorre da ideia de Deus, e ocupa o segundo plano
As relações com as leis morais são abstratas e impessoais	As relações com as leis religiosas são sentimentais e afetivas
O único sentimento admitido é o respeito	Existe a participação do fervor religioso
A vida moral não se circunscreve no espaço e nem num determinado lugar	A atitude religiosa é ligada ao calendário litúrgico e ao local de prece coletiva
É aberta, irrestrita, ilimitada	É fechada em círculos, restrita a grupos
É externa a qualquer drama histórico	Está vinculada a relatos históricos
Não há justificativa extrínseca para a evidência moral, apenas a consciência universal e o remorso	As obrigações religiosas podem apresentar caráter proibitivo, sanções e vetos, em função do temor divino
A obrigação moral não possui raiz externa	O imperativo religioso é ontológico
Não há mediação entre o homem e Deus	Existe um mediador: padre, sacerdote etc.
Todos estão envolvidos e não possuem papel específico	Há os atores (padres) e os espectadores (fiéis)
A vida moral concerne ao homem até a sua morte, exclusive: a escatologia não passa de um postulado	O destino dos homens é considerado em relação à vida futura, à salvação ou às penas eternas
Ama-se ao próximo independente do mandamento	Ama-se ao próximo em função de Deus e do mandamento divino
A obrigação moral se funda em si mesma	A obrigação religiosa decorre do absoluto
Supõe a existência de liberdade	É submissa e não admite o livre-arbítrio

Tabela 2. Diferenças entre Vida Moral e Vida Religiosa. Adaptado de Jankélévitch, 2008.